

Alguns limpam, outros sujam

Taguatinga — Da mesma forma como ajuda a manter a escola limpa, a comunidade da Expansão do Setor O também contribuiu para tornar algumas áreas das escolas de argamassa em depósito de lixo, principalmente na EC 53 que não é cercada por um muro. O segmento da comunidade representado pelos pais de alunos desses estabelecimentos, ajuda na pintura, capina do mato nas áreas de ventilação das salas de aula e, ainda, colabora na aquisição de materiais para os benefícios das escolas.

Nas Escolas-Classes 53 e 55 toda a pintura foi feita com a participação da comunidade, de professores e alunos. Na EC 53, torneiras e pequenas peças de reposição são adquiridas pelos próprios professores, conforme assegurou a professora Abigail da Silva Oliveira, apoio pedagógico do estabelecimento. “Só não conseguimos arrumar algumas sheds e, por isso, quando chove é melhor ficarmos direto sob a chuva do que nas salas de aula”, assegurou Abigail, alegando que, dentro da sala pode cair algum pedaço das sheds (espécie de janela) na cabeça dos alunos.

Mobilização — Exemplo vem da Escola-Classe 55. A professora e apoio pedagógico Valdenice de Oliveira Muller contou que somente com a mobilização de pais, estudantes, professores e servidores, foi possível adquirir um filtro para cada sala de aula. Antes, os alunos bebiam água diretamente das torneiras. A falta de manutenção e o baixo poder aquisitivo da comunidade tornam impossível pedir que a comunidade faça mais sacrifícios em benefícios da escola.

Mas existe um outro segmento da comunidade que põe a perder todo o trabalho desenvolvido pela outra parcela. Os exemplos mais claros da atuação prejudicial dessa ala comunitária está na Escola-Classe 56, a mais atingida pelos vândalos por não ter um muro em sua volta. A falta desse obstáculo permite, por exemplo, que a área de ventilação das salas de aula seja tomada pelo lixo doméstico, despejado indiscriminadamente pelos moradores das redondezas. Animais mortos, restos de alimentos, pneus e outros tipos de detrito fazem parte da paisagem cotidiana da escola.

Passeatas — Aliás, a colocação de muros em outros estabelecimentos de argamassa só foi possível graças à mobilização da comunidade, cujos filhos estão matriculados nelas. Marilda Rodrigues, do CE 17, lembra que “foi preciso fazer muito barulho em passeatas, meios de comunicação e outras formas de reivindicação, para se conseguir o muro para o colégio. A comunidade só não conseguiu, ainda, a lotação de professores nas ECs 53 e 55 e próprio CE 17.”